

PRAÇAS E QUALIDADE ESPACIAL: PLANO PILOTO DA CIDADE DE MARINGÁ, PARANÁ

Squares and spacial quality: pilot planning of the city of Maringá, Paraná State, Brazil

José Alcides Remolli*

***Universidade Estadual de Maringá - UEM**

Técnico em Assuntos Universitários do Departamento de Agronomia

Av. Colombo, 5.790 – Bloco J45 – Jardim Universitário – Maringá, Paraná, Brasil – CEP: 87020-900
jaremolli@gmail.com

RESUMO

Espaço de convivência das pessoas, praças são referenciais para a fixação de edificações públicas e privadas em uma sociedade. Espaço público que ganhou melhorias com a expansão das cidades provém, além desta delimitação geográfica, o encontro entre os cidadãos tornando a circulação social mais saudável, agradável dentro da trama urbana. Além disso, oferece às pessoas um ambiente de convivência mais agradável, melhora a circulação de ar, insolação e drenagem, quebrando a monotonia entre o verde, e o cinza do concreto das construções. Realizou-se um estudo nas 36 praças localizadas na área do Plano Piloto da Cidade de Maringá, Estado do Paraná, que se refere ao traçado inicial da malha urbana elaborado pelo urbanista Jorge de Macedo Vieira. A área de estudo compreende a Zona 50 (Centro), Zona 1, Zona 2, Zona 3 (Vila Operária), Zona 4, Zona 5, Zona 6, Zona 7, Zona 8, Zona 9, Zona 10 e Zona 12. A coleta de informações foi efetuada por intermédio de pesquisa bibliográfica, avaliação qualitativa e de levantamento quantitativo com o objetivo de identificar equipamentos e/ou estruturas, de levantamento da ocorrência de vegetação e de levantamento fotográfico. A tabulação desses dados subsidiou a análise e a avaliação da distribuição espacial, a facilidade de acesso e uso dessas praças, e mediante o levantamento quali-quantitativo obteve as características dos equipamentos, das estruturas e do seu mobiliário. Nessas praças, encontraram-se equipamentos e/ou estruturas em boas condições de uso pela população; iluminação rebaixada, promovendo maior segurança aos usuários; Academia da Terceira Idade e Academia da Primeira Idade, como novo tipo de equipamento, destinado à prática de atividades físicas, lazer e sociabilização entre a população. Outro item positivo verificado nessas praças foi referente à limpeza, manutenção dos gramados e da vegetação. Fica evidente a preocupação com os elementos arbóreos de uma mesma espécie que se repetem com grande frequência nessas áreas devido à ação de pragas e patógenos. O estado geral de conservação dessas praças, na sua maioria, está classificado entre os conceitos bom e ótimo. Observou-se que, mesmo esses espaços públicos passando por transformações nas suas formas e funções através do tempo e a concorrência com novas formas de lazer, a sua apropriação continua efetiva, principalmente pelas camadas mais carentes da população. Como resultado da pesquisa desenvolvida neste trabalho, observa-se que os espaços urbanos necessitam de promoção de ações cuja expertise provenha a gestão específica das praças e atenda às necessidades de implantação e manutenção de todos os equipamentos e estruturas existentes, atualizando os dados qualitativos e quantitativos e estudando as soluções para questões pontuais, além de projetos contínuos que conscientizem a população do entorno da praça sobre a necessidade da sua fiscalização e manutenção.

Palavras chave: Espaços públicos. Áreas verdes urbanas. Paisagem urbana.

ABSTRACT

As a space that people regularly share, squares are references to the establishment of public and private buildings in a society. Public space improvements were made with the expansion of the cities and in addition to this geographical zone, citizens, meet a healthier social movement within the urban area. It also offers to people a more pleasant living environment, improves air circulation, sunlight and drainage, breaking the monotony between the green and the gray of the buildings. A study was held in the 36 squares located in the Pilot Plan area of the city of Maringá, Paraná State which comprehends the initial urban plan of the city mesh of Maringá, drawn up by the urbanist Jorge de Macedo Vieira, which were denominated Zona 50 (Centro), Zona 1, Zona 2, Zona 3 (Vila Operária), Zona 4, Zona 5, Zona 6,

Zona 7, Zona 8, Zona 9, Zona 10 and Zona 12. The data collection was performed through bibliographic research, qualitative evaluation and quantitative survey with the objective of identifying, determining the number of squares, of equipment and/or structures, of vegetation occurrence survey and of photographic survey. The tabulation of those data subsidized the analysis and evaluation of the space distribution, the access easiness and use of those squares, and, through the quali-quantitative gathering, it was obtained the characteristics of the equipments, of the structures and of its furniture. In these squares it were found equipment and/or structures in good conditions for use by the population; lowered lighting, promoting greater safety for users; *Academia da Terceira Idade* and *Academia da Primeira Idade*, as a new type of equipment, for the practice of physical activities, leisure and sociability between the population. Another positive item verified in these squares was the cleaning, maintenance of lawn and vegetation. It is evident the concern with the arboreal elements of the same species that are repeated with great frequency in these areas due to action of pests and pathogens. The general state of conservation of these squares, in its majority, is classified between the concepts of good and great. It was observed that, even those public spaces going through transformations in their forms and functions through time and the competition with new leisure forms, its appropriation continues effective, mainly for the most lacking layers of the population. As a result of the research conducted in this study, it was observed that urban spaces need to promote activities whose expertise provides the specific management of squares and meets the needs of implementation and maintenance of all the equipment and structures, updating the qualitative and quantitative data and studying the solutions to specific issues, as well as ongoing projects that aware the surrounding population on the need of the monitoring and maintenance of the squares.

Keywords: Public spaces. Urban green field. Urban landscape.

1 INTRODUÇÃO

As praças constituem um referencial urbano marcado pela convivência humana, pois a partir da sua demarcação na nova vila eram locados os edifícios públicos e as demais casas de moradia da população. Estes espaços públicos passaram a contar com calçamento e mobiliários para maior conforto da população, cuja tendência é se apresentar cada vez mais crescente nos centros urbanos. Devido ao aumento exponencial da população nos centros urbanos e, conseqüentemente das suas edificações, as praças são espaços públicos de grande importância na trama urbana (áreas ocupadas por cidades, isto é, o perímetro urbano de um município), pois permitem às pessoas um ambiente de convivência mais agradável, melhor circulação de ar, insolação e drenagem, quebrando a monotonia entre o verde e o cinza do concreto das construções. O Brasil passou por um processo de urbanização intensa nas últimas quatro décadas, provocado pela mudança da população predominantemente rural para os centros urbanos. A consequência foi o crescimento desordenado das cidades brasileiras gerado pela falta de planejamento urbano adequado e pela especulação imobiliária, que na busca de maiores lucros acabara promovendo uma má distribuição dos espaços livres de edificações, fazendo com que houvesse um menor número desses espaços em detrimento de um maior número de construções. Na Cidade de Maringá, a arborização encontra-se distribuída pelas calçadas, canteiros centrais, parques e praças, e contribui significativamente para que a população cidadina tenha uma qualidade de vida satisfatória. Na área em que está localizado o Plano Piloto da cidade (Figura 1) são encontrados dois parques e um horto florestal com matas nativas remanescentes à colonização da cidade, totalizando uma área de 143,43 ha e um bosque com grevéleas com área de 4,46 ha (BOVO; AMORIM, 2009).

A presente pesquisa teve como objeto de estudo as praças localizadas na Zona 50 (Centro), Zonas 1, 2, 3 (Vila Operária), 4, 5, 6, 7, 8, 9, e 12, totalizando 36 praças. As Zonas 9, 10 e 12 não comportam praças em seu espaço. Realizou-se levantamento quantitativo e qualitativo das estruturas, equipamentos existentes e condições de uso, juntamente com a inserção no conjunto da praça e sua localização junto às diferentes áreas na malha urbana da cidade. A metodologia utilizada para o desenvolvimento deste trabalho foi proposta por De Angelis (2000). Realizou-se levantamento fotográfico de todas as praças estudadas, levantamento bibliográfico em fontes primárias do acervo da Câmara Municipal, Prefeitura do Município e Biblioteca Municipal.

Procurou-se ainda, identificar a qualidade ambiental das praças localizadas no Plano Piloto da Cidade de Maringá, analisando a distribuição espacial das praças que se encontram dentro da

área de estudo, caracterizando e avaliando quali-quantitativamente as estruturas e mobiliários dessas praças, além de analisar a arborização e as demais vegetações que compõem as áreas das praças focalizadas e documentar o estado da arte das praças do Plano Piloto.

Figura 1 – Croquis do Plano Piloto da Cidade de Maringá - Localização das praças e zoneamento.



Fonte: Secretaria de Desenvolvimento Urbano, Planejamento e Habitação - Coordenadoria de Geoprocessamento. Prefeitura do Município de Maringá. (2008).
Organização: José Alcides Remolli (2010).

No levantamento feito “in loco” da vegetação existente nas áreas das praças, buscou-se apenas a sua identificação e não a quantidade de cada elemento existente. Na identificação dessa vegetação, as mais comuns e conhecidas, foram realizadas visualmente, e as mais difíceis e menos comuns feitas através de fotografia dos elementos e posteriormente identificadas por intermédio de bibliografia – (LORENZI, 2002), bem como o nome científico e a família a que pertencem.

Historicamente, remontando-se à origem das cidades, plantas das antigas aldeias encontradas demonstram que, ao assentar-se em sociedade comunitária, o homem sentiu necessidade em construir casas em forma circular a fim de se proteger das adversidades da natureza, deixando o centro livre que era palco de atos religiosos, recreativos, comércio entre outras atividades sociais (BENÉVOLO, 2003). As praças não obedeciam a formas estruturais regulares estritas, pois, não havia diretrizes para a construção das cidades.

Muito embora não houvesse harmonia de forma para os espaços livres das cidades transformados em praças, eles representaram e ainda representam demonstrações de memória da história do homem ao longo do tempo, tendo sua importância até os dias de hoje. Casé (2000) citado por Gomes (2005), citado por, assinala como referencial de monumentos consagrados a Praça de São Marcos, em Veneza, na Itália – onde se localiza a Basílica de São Marcos (um dos melhores exemplos de arquitetura bizantina), sede da arquidiocese católica romana de Veneza desde 1807; Plaza Mayor (Madri) – de origem hispânica, era o local onde eram apresentados os

espetáculos profanos (torneios, touradas, jogos), servia de mercado, representações teatrais e prática de justiça; e Plaza de Armas (Madri) – também de origem hispânica, assume a forma de praça urbana, sem estruturas e serviam para festas, mercados e feiras; quando localizadas extramuros, ficavam próximas a alojamentos e campos militares – possuía a função de exercícios, treinamentos e artes de guerra.

Na realização de estudo sobre as praças e as suas funções na vida brasileira, Robba e Macedo (2003, p. 17), consideram duas premissas básicas – o uso e a acessibilidade do espaço – para chegarem ao seguinte conceito: “Praças são espaços livres públicos urbanos destinados ao lazer e ao convívio da população, acessíveis aos cidadãos e livres de veículos”.

Além do lazer, a praça tem funções relevantes como descanso, melhoria do meio ambiente, circulação entre áreas significativas na dinâmica urbana, opção de recreação para atividades coletivas e ainda produzindo espaços estéticos artificiais para amenizar e contrastar com a paisagem de concreto das construções da cidade (ORTH; CUNHA, 2000). A praça destina-se ao uso do tempo livre em espaços reproduzidos para o uso coletivo e individual do indivíduo de modo pró-ativo e democrático, abrigando todas as camadas sociais (REMOLLI, 2010).

1.1 A Praça no Brasil

A praça, no transcorrer da história, passou por diversas transformações de formas, funções e usos. No Brasil, essas mudanças foram percebidas pelos diferentes tipos de vegetação, arborização e variação de mobiliário – começando a tomar forma com a implantação do Passeio Público do Rio de Janeiro, em 1783 (GOMES, 2005).

A caracterização da praça evoluiu com o passar do tempo e com a maneira como passou a ser vista e visitada, e posteriormente passou a ser considerada como um espaço útil e não apenas para reintegrar a sociedade ao meio ambiente natural ou como uma obra de passagem, ou ainda, como espaços privados de minorias beneficiadas.

Para Robba e Macedo (2003), esse processo de ajardinamento faz com que aquelas praças coloniais mais antigas e tradicionais percam algumas das suas peculiaridades como largo, pátio e terreiro, e estimulam a população a adquirir o hábito da jardinagem e valorizar sua utilização para o embelezamento dos espaços privados e dos espaços livres públicos.

Fiore (2006) observou o significado do espaço, imprimindo à história os elementos que dela se incluem, valorizados e utilizados ao longo do tempo, como modo de ganhar credibilidade como exportadora de produtos agrícolas junto ao comércio europeu e modernizar o país.

De acordo com Silva (2006, In: Remolli, 2010), a virada do século XIX e XX representou um marco no início da evolução desses espaços ajardinados, porém, até o início da década de 1950, a figura da praça manteve-se sem muitas alterações, guardada como local de lazer contemplativo, destinado ao passeio e à apreciação da natureza nos espaços públicos, dando início ao lazer (ROBBA; MACEDO, 2003).

A preocupação com aspectos qualitativos do meio urbano, gradativamente levou as cidades a assumirem os espaços urbanos, como locais de conforto e de encontro de comodidade para o cidadão. A praça é uma forma com usufruto e com funções que identificam a cidade e seus modos de vida e demonstram a dinâmica da vida no espaço urbano que a rodeia (LAMAS, 2004; DOURADO; SILVA, 2005).

A praça, ao assumir a nova condição de espaço de recreação diversificado com atendimento a uma faixa cada vez maior da população, promove mudanças nos desenhos e traçados da praça moderna de forma substancial, para sustentar a presença e a permanência dos usuários nessas áreas (SEGAWA, 1996).

O gerenciamento precário deste espaço urbano é capaz de transformar a praça em um problema para a população que circula periodicamente nesses locais.

Santos e Martins (2002) ensinam que a qualidade de vida engloba uma série de fatores conectados a vários tipos de questões, sejam elas materiais ou não, de cunho individual ou coletivo. Se bem equipado e adequado, o espaço compreendido como praça torna-se parte fundamental do processo de revitalização bem sucedida do espaço urbano incluído na rotina das pessoas (RIBEIRO; VARGAS, 2001).

Com o crescimento das cidades e o surgimento de *shopping centers*, os espaços urbanos das praças são gradativamente esvaziados, a partir da década de 1980, de acordo com Almeida (2008), quando trocam os ambientes naturais por um ambiente hermético e climatizado de grandes edifícios de vidro com intermináveis corredores de lojas, na segurança de espaços cuidadosamente controlados e planejados.

De Angelis (2000, p. 43) afirma que:

[...] outros fatores que concorrem para o esvaziamento das praças são: o advento da informática no atacado, que trouxe para dentro das casas a TV a cabo, o pay-per-view, o home-theater, a internet. Inovações tecnológicas que, com seus chips, bytes de memória, imagens, encontros e diálogos virtuais, têm se constituído numa alternativa de lazer para muitos que acabam substituindo o espaço aberto (uma praça, por exemplo) por uma tela fechada de circuitos eletrônicos.

Ao comentar sobre a preservação e conservação destes espaços urbanos pela sociedade, Gomes (2005, p. 117) destaca que:

[...] a praça é o lugar de todos. É o ponto de encontro onde a gratuidade prevalece ao mesmo tempo em que todos se sentem donos desse espaço. É preciso que as pessoas não deixem de ir à praça, pois se o distanciamento da comunidade prevalecer acarretará no seu definitivo esvaziamento. E as praças não serão mais o lugar da gratuidade, espontaneidade e sociabilidade.

1.2 Maringá: a formação histórica

A ocupação da região Norte do Estado do Paraná foi realizada por fazendeiros paulistas e mineiros que desbravaram novas áreas para o plantio do café. No começo do século XX, começaram a colonização do Norte do Paraná, na região hoje denominada Norte Velho, por meio da Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP), subsidiária da empresa colonizadora britânica *Paraná Plantations Company*, e esta, sendo uma empresa voltada eminentemente para a vida rural e tendo como objetivo principal a exploração agrícola dessas áreas, não se descuidou em momento algum, em seu planejamento geral, do estabelecimento de pequenos núcleos urbanos que pudessem servir como pontos de apoio e convergência para a imensa região que necessitaria cada vez mais de serviços públicos e privados como retaguarda para seu desenvolvimento (GARCIA, 2006).

Projetada para ser um dos núcleos urbanos mais importantes, a cidade de Maringá foi fundada em uma localização privilegiada na área colonizada pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná¹, sendo lançada a sua pedra fundamental em 10 de maio de 1947 como distrito de Mandaguari, tendo sido traçada obedecendo a moldes urbanísticos previamente estabelecidos, e o seu projeto considerado um dos mais arrojados e modernos para época, prevendo-se dessa forma o seu rápido crescimento e as implicações dele decorrentes. Em 1948, passou à categoria de vila (GARCIA, 2006).

A cidade passou rapidamente da etapa de mata virgem para um traçado urbanístico que obedece a um plano previamente elaborado, demarcado dentro das características topográficas do sítio escolhido e com a preocupação evidente na proteção das áreas verdes e na manutenção de diversas áreas com vegetação nativa. “Muitos dos benefícios que as cidades mais antigas

demoraram muito tempo para usufruir, em Maringá foram instalados em poucos anos” (LUZ, 1997, p. 6-7).

A cidade de Maringá foi projetada pelo urbanista Jorge de Macedo Vieira, baseando-se exclusivamente no detalhamento existente no mapa topográfico da área, onde o traçado das curvas de nível e a declividade do terreno foram de grande valia na elaboração do desenho da cidade (REGO, 2001).

Na elaboração do traçado original orientado pela Companhia, que queria uma cidade composta por avenidas largas, praças e espaços para árvores, além de aliar-se à topografia local, protegendo e preservando a natureza, foi realizada a construção de uma avenida atravessando a cidade de ponta a ponta, no sentido leste-oeste, denominada Avenida Brasil, com 7.450 m; zoneamento de uso do solo por funções – zona residencial para as classes sociais mais elevadas, zona residencial para as classes populares, zona comercial, zona industrial e zona destinada a abrigar os prédios públicos (PREFEITURA MUNICIPAL DE MARINGÁ, 2008).

Projetada para abrigar uma população de 200.000 habitantes dentro de um prazo de 50 anos, a cidade teve suas expectativas superadas em um espaço de tempo bastante curto, em consequência do surto cafeeiro que criou uma das economias mais fortes do país, cumprindo, assim, os princípios que nortearam a sua criação, vindo a tornar-se um importante polo de desenvolvimento sociopolítico-econômico no cenário nacional (GARCIA, 2006).

O município de Maringá está localizado no Noroeste do Estado do Paraná, distanciando-se a 434 km da capital, Curitiba, limitando-se ao Norte com o município de Ângulo e Mandaguaçu; ao Sul com Floresta, Ivatuba e Marialva; a Oeste com Mandaguaçu e Paçandu, e a Nordeste por Iguaraçu e Astorga e é cortado pelo Trópico de Capricórnio, numa altitude de 555 m em relação ao nível do mar, encontrando-se na região fisiográfica denominada Terceiro Planalto Paranaense; o relevo da região é predominantemente suave-ondulado, com grandes extensões de baixa declividade, que torna-se mais acentuada nos fundos de vale e solos com boa permeabilidade e com elevada capacidade de retenção – tipo Latossolo Roxo Distrófico a Moderado (GARCIA, 2006).

Apresenta-se com uma superfície de 487,07 km² (e com uma área urbana de 128 km², o que representa 26,31% da área total do município, com uma população de 357.077 habitantes, e com projeção estimativa para 2014 de 391.698 habitantes (IBGE, 2013).

2 METODOLOGIA

A coleta das informações referentes aos levantamentos quantitativos e qualitativos dos equipamentos e/ou estruturas existentes nas praças foi realizada durante os meses de janeiro a março de 2009. Para o desenvolvimento deste trabalho, a metodologia utilizada para obtenção de dados das áreas das praças foi proposta por De Angelis (2000), que consiste de um formulário de levantamento quantitativo dos equipamentos e/ou estruturas – com o levantamento da existência ou não de 23 itens e as suas referidas quantidades; e de um formulário de avaliação dos equipamentos e/ou estruturas existentes – com a avaliação de 30 itens (Quadro1).

Quanto à forma de avaliação qualitativa, cada um dos 30 itens foi avaliado por conceitos – ruim, regular, bom e ótimo –, aos quais correspondem notas que variam em uma escala de 0,0 (zero) a 4,0 (quatro), conforme segue: 0 —| 1,0 ↔ ruim; 1,0 —| 2,0 ↔ regular; 2,0 —| 3,0 ↔ bom; 3,0 — 4,0 ↔ ótimo, conceitos utilizados por De Angelis (2000). Para se evitar avaliações heterogêneas a cada aspecto a ser estudado, e dependendo do elemento em foco foram consideradas na avaliação as condições de conservação, disponibilidade para uso, qualidade do material utilizado, manutenção, conforto, funcionalidade, entre outros como parâmetros fixos.

Santos (1985), ao descrever as relações que explicam a organização do espaço, utiliza-se de conceitos de quatro categorias do método geográfico: *forma, função, estrutura e processo*, que foram usados neste estudo.

Quadro 1 – Formulário de levantamento quantitativo dos equipamentos e estruturas.

| | | | |
|---|-------|-----|-----|
| NOME DA PRAÇA: | | | |
| LOCALIZAÇÃO: | | | |
| BAIRRO/ZONA: | | | |
| () Quadrangular () Circular () Retangular () Triangular () Outra | | | |
| Levantamento efetuado por: | | | |
| Equipamentos/estruturas | Quant | Sim | Não |
| 01. Bancos: quantidade e material | | | |
| 02. Iluminação: () Alta () Baixa | | | |
| 03. Lixeiras | | | |
| 04. Sanitários | | | |
| 05. Telefone público | | | |
| 06. Bebedouros | | | |
| 07. Caminhos: material | | | |
| 08. Palco/Coreto | | | |
| 09. Obra de arte: () Monumento () Estátua () Busto | | | |
| 10. Espelho d'água/Chafariz | | | |
| 11. Estacionamento | | | |
| 12. Ponto de ônibus | | | |
| 13. Ponto de táxi | | | |
| 14. Quadra esportiva | | | |
| 15. Para prática de exercícios físicos: equipamentos | | | |
| 16. Para terceira idade: estruturas | | | |
| 17. Parque infantil: equipamentos | | | |
| 18. Banca de revista | | | |
| 19. Quiosque de alimentação ou similar | | | |
| 20. Identificação | | | |
| 21. Edificação institucional | | | |
| 22. Templo religioso | | | |
| 23. Outros | | | |

Fonte: De Angelis (2000).

3 DIAGNÓSTICO DAS PRAÇAS DO PLANO PILOTO DA CIDADE DE MARINGÁ

A importância do elemento praça para a população tem variado expressivamente, tanto na forma de uso quanto na apropriação. Nas cidades de pequeno e médio porte elas são imprescindíveis, sendo, muitas vezes, uma das poucas opções de lazer e/ou ponto de encontro da população. Nas cidades de grande porte elas sofrem a concorrência cada vez maior de outros espaços e atividades de lazer bem diversificadas (DE ANGELIS, 2000).

Outra forma de praça bastante comum encontrada nessa área é a de formato triangular, resultante de recortes da malha urbana.

Com a observação “in loco” e com os conhecimentos obtidos por meio de levantamentos realizados em cada uma das praças existentes no Plano Piloto, encontrou-se espaços com realidade completamente diferentes uns dos outros. Há espaços elaborados paisagística e arquitetonicamente, que pela sua localização não são utilizados devido à dificuldade de acesso causado pelo fluxo de veículos em seu entorno. Há também as praças com um paisagismo mais simples e com pouca estrutura, cuja facilidade de acesso se torna mais apropriada ao uso pela população. Existem ainda praças completamente vazias, as quais se apresentam apenas como áreas de recorte na trama urbana, resultantes de reurbanizações de ruas e avenidas e, por fim, as praças completamente esquecidas

pela administração pública, e o que é mais lamentável, localizadas em área de população mais carente, que carecem, portanto, de áreas destinadas ao lazer.

3.1 As praças do Plano Piloto da cidade de Maringá

Com o estudo específico realizado em cada uma das 36 praças que compõem o Plano Piloto da Cidade de Maringá, conseguiu-se levantar subsídios e tomar conhecimento da real situação em que se encontram cada um desses espaços na área pesquisada.

De acordo com as diferentes características que apresenta cada um desses espaços, poderão apresentar maior ou menor volume de informações, dependendo da quantidade de equipamentos e/ou estruturas que os compõem.

Cada praça foi descrita e recebeu documentação fotográfica da área em estudo e de um quadro onde foram colocadas, sinteticamente, as informações relativas a sua localização e Zona a que pertence, área, lei de criação, formato, existência de equipamentos e/ou estruturas – em formato de sigla – e a espécie de vegetação existente – arbórea, palmácea, arbustiva e forração.

Na coleta de informações a respeito das leis que nominaram as praças em estudo, junto ao Arquivo da Câmara Municipal, no Setor de Cadastro Técnico e no Setor de Patrimônio da Prefeitura Municipal, foram 15 praças, sendo que não foi possível encontrar dados de registro de algumas áreas.

No item “Classificação da Praça” fez-se referência à maneira como essa praça é utilizada, se de *passagem* – aquela utilizada pela população, apenas como ponto de ligação entre um ponto e outro; *permanência* – aquela utilizada pela população como lazer, caminhadas, passeio; *religiosa* – aquela que possui um templo religioso; e *esportiva* – aquela que possui uma ou mais quadras para prática de esporte.

No item “Entorno” foram denominadas as construções que circundam esse logradouro, a saber: *residencial* – quando constituído somente de residências; *comercial* – quando constituído somente de comércio e *residencial e comercial* – quando da existência tanto de residências como de área comercial.

3.2 Levantamento quantitativo

O objetivo principal na aplicação do levantamento quantitativo foi o de determinar a quantidade de praças existentes por Zonas, a sua localização na malha urbana e identificar os equipamentos e/ou estruturas existentes em cada uma delas, bem como detalhar a vegetação que as compõem.

Verificou-se, por meio desse levantamento, uma uniformidade na distribuição dessas praças por Zonas, ficando evidenciada a sua diminuição na medida em que vai se afastando da área mais central do Plano Piloto. Nessa área de estudo, as praças não se fazem presentes apenas na Zona 9, na Zona 10 e na Zona 12. Na área do Plano Piloto constatou-se a presença de trinta e seis praças, estando assim distribuídas: Zona 50 (Centro) duas praças; Zona 1, Zona 2, Zona 7 e Zona 8, quatro praças cada; Zona 3 – Vila Operária –, com cinco praças; Zona 4, com sete praças; e Zona 5 e Zona 6, com três praças cada.

Quanto à conformação geométrica das praças, as que se apresentam em maior número são as praças circulares, ou seja, aquelas concebidas como elemento estruturador na trama urbana, ajudando na melhor distribuição do fluxo de veículos na interseção de ruas e avenidas.

No caso das praças triangulares, constatou-se que a sua localização encontra-se em recortes da malha urbana provocadas por discontinuidades no terreno. Outras formas encontradas são a quadrangular, semicircular, retangular, triangular bipartida, oval, pentagonal irregular e retangular bipartida.

O resultado do levantamento quantitativo propiciou a organização de um cadastro completo de todos os equipamentos e/ou estruturas existentes nas praças deste estudo.

A localização das praças na trama urbana é de suma importância para que esses logradouros possam ter o seu uso e a sua apropriação de modo efetivo pela população. Sua distribuição deve ser de tal forma que seus usuários possam alcançá-las no menor tempo possível, ou seja, distante do local de moradia, em que o trajeto possa ser feito em uma caminhada a pé, gastando-se de 5 a 10 minutos.

As formas geométricas predominantes nas praças da área do Plano Piloto são a circular, com 33,34%, e a triangular, com 27,78%, ou seja, doze praças na primeira forma e dez na segunda. No caso das praças circulares, a forma se deve ao fato de elas fazerem parte do sistema viário de ruas e avenidas da cidade como elemento estruturador no fluxo de veículos. Essa forma de praça é originária do traçado de ruas e avenidas em curvas de nível, buscando-se o máximo aproveitamento do relevo do terreno em consonância com a sua declividade, agilizando a ligação viária com demais ruas e/ou avenidas. As praças triangulares têm a sua gênese na sobreposição de áreas da trama urbana, haja vista que como a delimitação de áreas destinadas às residências também seguem as curvas de nível e a declividade do terreno, o sistema de desenho dos seus quarteirões são irregulares, e mesmo que se busque o aproveitamento máximo dessas áreas, sempre sobram vários recortes triangulares, e a melhor solução para esses espaços, por serem muitas vezes de tamanho reduzido, é a implantação de praças arborizadas e com estruturas de lazer para a população.

Em ambos os casos, o que representa 5,55%, as praças triangulares apresentam-se bipartidas (Praça dos Sertões e Lions), ou seja, foram seccionadas por uma avenida, mantendo o mesmo nome nos dois lados. A mesma situação ocorre com a Praça Todos os Santos, só que esta possui formato retangular bipartido, representando 2,78% dos casos. Essa praça foi cortada ao meio por uma avenida para dar maior agilidade ao fluxo de veículos que fazem a ligação centro – bairros e vice-versa, no sentido norte-sul.

As praças quadrangulares são em número de quatro (11,11%), e duas são as retangulares (5,55%), as quais ocupam quadras inteiras na trama urbana; uma praça (2,78%) possui a forma oval, três praças (8,33%) o formato de semicírculo, uma (2,78%) de conformação irregular ou mais precisamente de um pentágono irregular, e uma (2,78%) no formato de semicírculo bipartido.

No que se refere à identificação nominal, vinte e sete praças, ou seja, 75% de um universo de 36 se encontra devidamente identificadas, mesmo que seja por uma pequena placa em seu interior. De Angelis (2000, p. 63) observa que “a identificação de todo e qualquer logradouro serve como referencial de localização dentro da malha urbana”. Normalmente, os nomes atribuídos a esses logradouros procuram homenagear personalidades de destaques da cidade, do estado ou do país, ou ainda datas marcantes na história do país. Observou-se a falta de identificação dos logradouros em 25% das praças localizadas nas zonas mais centrais da cidade.

Os bancos são um tipo de mobiliário que não necessariamente devem fazer parte das áreas das praças, especificamente para que as pessoas da terceira idade, gestantes ou portadoras de algum tipo de deficiência não tenham seu espaço limitado. Nas áreas pesquisadas, os bancos estão presentes em 77,77% das praças. Quanto a sua instalação no interior das praças, a preferência é que estejam sob a copa das árvores e em locais em que não atrapalhem a circulação de pessoas, pois dessa maneira poderão oferecer maior conforto térmico aos usuários, particularmente nas épocas mais quentes do ano, haja vista as características climáticas da cidade, apresentar verão com temperaturas elevadas e inverno mais ameno, mas não rigoroso.

A praça como espaço público deve permitir que haja condições de uso e acesso da população diuturnamente, e para que isso aconteça, é necessário que haja um sistema de iluminação eficiente. O sistema de iluminação pública das vias da cidade de Maringá passou nos últimos anos por uma reformulação geral, sendo priorizado o rebaixamento das luminárias com colocação de lâmpadas a vapor de mercúrio, contribuindo para um maior clareamento também no interior das praças. Houve também uma reformulação no sistema de iluminação interna de todas as praças com

a padronização de postes e luminárias rebaixadas, propiciando-se, assim, maior claridade, segurança e acessibilidade à população também no período noturno.

Pelo levantamento realizado nas praças do Plano Piloto da Cidade de Maringá, constatou-se que trinta e uma delas (86,11%) possuem iluminação rebaixada, sendo postes rebaixados apresentando luminárias com uma, duas ou quatro peças; quinze praças (41,66%) detêm apenas iluminação alta e em dez praças (27,77%) aparecem conjuntamente a iluminação alta e a iluminação rebaixada. Uma praça (2,78%) não possui nenhum tipo de iluminação, a não ser a iluminação pública rebaixada existente no seu entorno.

As lixeiras são um tipo de mobiliário que, obrigatoriamente, deveriam estar presentes nas praças, e distribuídas estrategicamente por todas as áreas da cidade. De Angelis (2000, p. 65) salienta que a “sua presença demonstra o nível de civilidade de uma comunidade e o respeito ao meio ambiente. A obrigatoriedade de fazer parte do mobiliário urbano das praças é inquestionável”. Esse tipo de mobiliário deveria constar nas praças que compõem o Plano Piloto da cidade e não apenas nas dezessete praças (47,22%) em que foi encontrado, insuficiente ao propósito a que se destinam e, em alguns casos, com sinais de vandalismo.

Na área de estudo encontrou-se sanitários públicos em apenas duas praças (5,55%), a saber, a Praça Deputado Renato Celidônio, na Zona 50, ao lado da Prefeitura Municipal da cidade, considerada de grande fluxo, aberta ao público e mantida pela prefeitura constantemente, e a Praça Regente Feijó, localizada na Zona 3 (Vila Operária), mas tem uso restrito à população, por ser totalmente cercada na área das instalações do Centro Esportivo da Vila Operária, com uso restrito somente aos horários de funcionamento desse centro.

Vinte praças (55,55%) contam com a presença de telefone público em um pequeno universo de trinta e seis da amostragem deste estudo. Os bebedouros encontrados nas praças analisadas são de péssima qualidade, constatada em quinze praças (41,66%).

A presença de pisos e caminhos foi encontrada em vinte e nove praças (80,55%), mas em grande parte deles necessitando serviços de manutenção ou compreendem apenas áreas gramadas que, em dias de chuva, forma trilhas em meio ao gramado. Há falta de guias rebaixadas para acesso a cadeirantes.

Palco ou coreto aparece em apenas três praças (8,33%). O único coreto encontrado nas praças pesquisadas localiza-se na Praça dos Expedicionários. Os palcos são encontrados em outras duas praças: Praça Manoel Ribas e Raposo Tavares. Todos estes espaços não são usados adequadamente para atividades culturais.

Foram considerados como obras de arte os monumentos, as estátuas e os bustos¹. Nas praças do Plano Piloto da cidade, essas estruturas estavam presentes em apenas 36,11% dos espaços (sete monumentos e seis bustos), imperceptíveis à passagem de transeuntes.

O espelho d'água ou chafariz é um tipo de estrutura de ocorrência restrita nas praças da cidade, sendo encontrado em duas delas (5,55%), localizadas na Praça da Catedral e da Praça Monsenhor Bernardo Cnudde. Com o aumento significativo do número de veículos nas cidades, a necessidade por espaço para estacionamento nas áreas centrais faz com que o espaço da praça seja subtraído para esse fim. Na área do Plano Piloto da cidade de Maringá, esses espaços estão presentes em onze das praças pesquisadas (30,55%). Nesse aspecto, a cidade ainda não sofre pressão no sentido de ter esses espaços públicos invadidos por essa estrutura, mas se pode verificar o grande número de veículos que circulam por suas ruas e avenidas, com tendência de aumento a cada dia que passa.

Quanto a pontos de ônibus e de táxi, embora seja um tipo de estrutura que tradicionalmente não faça parte na composição das praças, a sua presença nelas, ou em seu entorno, segundo De Angelis (2000, p. 76), facilitaria imensamente “um deslocamento mais ágil para quem depende desse tipo de transporte, o que concorre em facilidade para se ir a esses logradouros”. Nesse levantamento, foram encontradas dezessete praças (47,22%) com ponto de ônibus e sete praças (19,44%) com ponto de táxi.

A quadra esportiva é um tipo de estrutura que tem como objetivo a participação de crianças e jovens nos esportes coletivos e no convívio social e incentiva a sociabilização da comunidade do seu entorno. Nas praças pesquisadas, encontrou-se essa estrutura em sete delas (19,44%), apresentando-se de formas variadas: quadra poliesportiva cimentada, a quadra para futebol de areia e quadra de areia para vôlei e futebol.

Os equipamentos para a prática de exercícios físicos foram encontrados em apenas duas das praças pesquisadas – na Praça Rotary Internacional e na Praça do Aeroporto. Na primeira praça, esse espaço se apresenta de forma mais sofisticada, e os equipamentos – prancha de madeira para abdominal, barras horizontais e alongadores – estão em um ambiente à parte, cercados por pequenos troncos de eucaliptos com 50 cm de altura e com portal também feito com troncos de eucaliptos, com mais ou menos 4 m de altura, com as bases de madeiras desgastadas devido ao tempo em foram construídas. Na segunda praça, os equipamentos são bem mais simples, porém se encontram em perfeitas condições de uso. São dois aparelhos para abdominais confeccionados em madeira e com base de ferro e duas barras de ferro sustentadas por madeira. A partir de 2006, surgiram nas praças de Maringá, as Academias da Terceira Idade dotadas de modernos equipamentos para a prática de exercícios físicos, que a princípio seriam apenas para a utilização de pessoas idosas, mas que acabaram caindo no gosto das pessoas de maneira geral. Os parques infantis existem numa quantidade mais substancial, totalizando dez praças, que, em sua grande maioria se apresentam em condições de conservação bastante precárias.

Outras estruturas também foram registradas neste estudo, dentre elas, bancas de revistas, quiosques de alimentação ou similares, edificações institucionais e mesmo, templos religiosos.

3.3 Avaliação qualitativa

Para a coleta dos dados relacionados ao levantamento qualitativo dos equipamentos e estruturas existentes nas praças do Plano Piloto, fez-se uso da mesma metodologia de avaliação proposta por De Angelis em 2000.

Foi feita a média aritmética simples, resultando em uma nota final e permitindo classificá-las nos conceitos ruim, regular, bom e ótimo. A avaliação qualitativa revelou que 41,66% das praças apresentaram conceito ótimo; 55,56% com conceito bom e, 2,78%, com conceito regular.

Com relação ao estado geral de conservação das 36 praças do Plano Piloto da cidade de Maringá, observou-se que 41,66% apresentaram conceito ótimo, 55,56% obteve conceito bom e 2,78% foi considerado regular.

3.4 Arborização das praças

Quando da realização do levantamento quantitativo dos equipamentos e/ou estruturas bem como da sua avaliação qualitativa, realizou-se, conjuntamente, um levantamento das espécies com maior ocorrência – arbóreas, arbustivas, frutíferas, palmáceas e de forrações – nas áreas das praças do Plano Piloto da Cidade de Maringá.

Através do levantamento nas praças localizadas na área do Plano Piloto da cidade de Maringá identificou-se 40 espécies arbóreas, sendo que as espécies com maior ocorrência nas praças são o *Tabebuia avellanadae* (ipê-roxo) – presentes em 75% delas; *Caesalpinia peltophoroide* (*sibipiruna*) – presentes em 72,22%; *Tipuana tipu* (tipuana) em 66,66%; *Holocalyx balansae* (alecrim) e *Caesalpinia ferrea* (pau-ferro) em 33,33% cada, *Jacaranda mimosaeifolia* (jacarandá mimoso) em 27,77% e *Delonix regia* (flamboyant) com 16,66% (Quadro 1).

A alta concentração de indivíduos arbóreos pertencentes a uma mesma espécie na arborização das praças da área do Plano Piloto torna-se um fator preocupante, pois no caso de uma eventual exposição dessa vegetação à ação de pragas e patógenos esta incorrerá em sérios riscos.

Quadro 1 – Espécies vegetais de maior ocorrência nas praças de Maringá.

| Vegetação | |
|------------------|--|
| Arbórea | <i>Araucaria angustifolia</i> (Pinheiro-do-Paraná), <i>Caesalpinia ferrea</i> (Pau-ferro), <i>Caesalpinia peltophoroides</i> (Sibipiruna), <i>Delonix regia</i> (Flamboyant), <i>Eugenia uniflora</i> (Pitanga), <i>Grevillea robusta</i> (Grevílea), <i>Holocalyx balansae</i> (Alecrim), <i>Jacaranda mimosaeifolia</i> (Jacarandá mimoso), <i>Ligustrum japonicum</i> (Ligustro), <i>Mangifera indica</i> (Mangueira), <i>Tabebuia avellanedae</i> (Ipê-roxo), <i>Tabebuia chrysotricha</i> (Ipê-amarelo), <i>Tipuana tipu</i> (Tipuana). |
| Palmae | <i>Roystonea</i> spp. (Palmeira-imperial/real), <i>Syagrus romanzoffiana</i> (Palmeira jerivá). |
| Arbustiva | <i>Duranta repens aurea</i> (Pingo de ouro). |
| Forração | <i>Paspalum notatum</i> (Gramma-Mato-Grosso). |

Fonte: REMOLI, José Alcides. Praças e qualidade espacial: plano piloto da cidade de Maringá, Paraná. 2010.

Nesse levantamento, foram encontradas algumas espécies frutíferas como parte da arborização de praças, sendo que as três espécies de maior ocorrência foram a mangueira (*Mangifera indica*), em 27,77% delas, seguidas de jambolão (*Syzygium jambolanum*), em 5,55% das praças, acerola (*Malpeghia punifolia*), em 2,77% das praças, jabuticabeira (*Myrciaria cauliflora*), em 2,77% das praças, e abacateiro (*Persea americana*), em 2,77% das praças pesquisadas.

Quanto às palmáceas, foram relacionadas 8 diferentes espécies, sendo as de maior expressão a Palmeira jerivá (*Syagrus romanzoffiana*), em 30,55% das praças, a palmeira imperial/real (*Roystonea* spp), em 22,22%, e a areca bambu (*Dypsis lutescens*), em 8,33% das praças.

Nas espécies arbustivas, o pingo de ouro (*Duranta repens aurea*) foi encontrado em 11,11% das praças pesquisadas e a primavera (*Bougainvillea spectabilis*) em 5,55%.

No que se refere às forrações, a grama Mato-Grosso (*Paspalum notatum*), por ser uma espécie facilmente encontrada, bem adaptada ao clima e altamente resistente às intempéries, pode ser encontrada em quase todas as praças pesquisadas, ou seja, está presente em 91,66% das praças do Plano Piloto. A arborização na cidade de Maringá iniciou-se pela necessidade de se criar um serviço florestal para garantir a preservação dos recursos naturais e que promovesse o reflorestamento e a arborização. Com esse intuito, chega à cidade, em 1949 o Engenheiro Agrônomo Luiz Teixeira Mendes, especialista em botânica e silvicultura, contratado pela Companhia Melhoramentos.

4 DISCUSSÃO

Das 36 praças pesquisadas para elaboração deste trabalho, em 15 delas não foi possível encontrar a legislação municipal de criação. Segundo informação levantada junto à Secretaria de Urbanismo da Prefeitura Municipal de Maringá (SEURB/PMM), todas as praças existentes na área do Plano Piloto possuem o nome de origem da época da fundação da cidade, ou seja, já vieram nomeadas pela Companhia Melhoramentos quando da implantação da trama urbana da cidade.

Quanto às formas de praças existentes nessa área de estudo bem como a sua distribuição na malha urbana, encontrou-se 33,34% delas de forma circular, localizadas nos entroncamentos com outras avenidas ou ruas, de modo a facilitar a distribuição do trânsito de veículos. A forma triangular, com 27,78%, é a segunda em evidência, sendo originada da sobra de áreas quando do planejamento da cidade. Vale ressaltar que a malha urbana do Plano Piloto foi previamente planejada com base na carta planialtimétrica da região.

Por intermédio do levantamento quantitativo conheceu-se todos os equipamentos e/ou estruturas existentes em cada uma das praças estudadas bem como as condições de uso em que se encontram e a ocorrência das espécies de vegetação. Estes equipamentos e/ou estruturas estavam presentes em vários espaços e em boas condições de uso.

O aumento no número de praças com iluminação rebaixada no seu interior foi de 34,28% para 86,11%, complementada com a iluminação pública também rebaixada no seu entorno. Nesse contexto, os problemas causados pelo sombreamento das copas das árvores adultas e a falta de segurança no interior das praças foram resolvidos de modo satisfatório.

Com o principal objetivo de servir à manutenção da limpeza nos ambientes públicos, De Angelis (2000) encontrou as lixeiras em 34,28% das praças contra 47,22% encontradas neste estudo. Outro item que teve crescimento acentuado foi o telefone público: De Angelis (2000) o encontrou em 25,71% desses logradouros, enquanto neste estudo foi localizado em 55,55% das praças.

O bebedouro foi outro item que teve o seu número acrescido nas praças, sendo geralmente inadequados ao uso por serem simples torneiras colocadas, na maioria das vezes, posicionadas em altura muito baixa para o acesso do público, dificultando o uso por pessoas idosas. De Angelis (2000) anotou 34,28% e este estudo apontou 41,66% das praças com esse equipamento, respectivamente.

A presença de caminhos calçados nas praças se manteve inalterado. Para De Angelis (2000), eles faziam parte em 80% das praças, hoje estão em 80,55% delas. Outro item que teve aumento foi a localização de ponto de ônibus na praça ou nas proximidades. De Angelis (2000), encontrou ponto de ônibus em 25,72% das praças, e, hoje existem em 47,22% delas.

Houve acréscimo também na quantidade de pontos de táxi. De 8,57% das praças encontradas por De Angelis (2000) a porcentagem subiu para 19,44% das praças atualmente.

Esses equipamentos e estruturas foram os que apresentaram maior alteração em relação aos mesmos itens analisados por De Angelis (2000), o que leva à conclusão de que a administração encontrou, na maioria das praças, as necessidades básicas da população do seu entorno.

No quesito socialização no ambiente das praças, realça-se o surgimento, a partir de 2006, das academias de terceira e primeira idades nas praças, como forma de incentivo à prática de exercícios físicos, melhoria na qualidade de vida das pessoas nestas faixas etárias.

Dos itens avaliados, apresentaram melhorias os bancos, iluminação alta, iluminação baixa, lixeiras, bebedouros, equipamentos para prática de exercícios físicos, equipamentos destinados a terceira e a primeira idade, vegetação, manutenção das estruturas físicas, limpeza, etc., em comparação ao estudo realizado há dez anos.

5 CONSIDERAÇÕES

A cidade de Maringá possui, em números absolutos, um equivalente superior a cento e dez praças dispersadas em sua malha urbana, conforme De Angelis (2000) dentre as quais, trinta e seis estão localizadas na área do Plano Piloto e serviram como objeto de estudo para a elaboração deste trabalho.

A conservação das praças localizadas na área do Plano Piloto foi considerada satisfatória em 97,22% dos espaços, embora não existam em quantidade e qualidade suficientes para atender à população, principalmente das regiões mais afastadas do centro da cidade e carecendo ainda, em muitos espaços mudanças significativas quanto às benfeitorias possíveis.

Problemas diversos advindos da falta de planejamento na execução e principalmente na manutenção de serviços básicos nas áreas dessas praças são evidentes, a saber: reparos de calçadas cimentadas, conserto de pedras tipo “petit pavê”, construção de rampas para deficientes físicos, reparos de bancos, equipamentos quebrados etc. Verificou-se, dessa forma, o descaso dos gestores públicos para com essas áreas.

Os espaços urbanos demandam gerenciamento das suas condições para benefício coletivo, e para que isto seja real, é desejável que se realizem melhorias, como: setor específico para a gestão das praças – setor responsável pela implantação e manutenção de todos os equipamentos e/ou estruturas existentes nas praças; utilização de profissionais com formação específica para as áreas

de atuação – pessoas com conhecimento e competência necessários aos trabalhos a serem executados; patrimônio individual das praças públicas – manter sempre atualizado o levantamento quantitativo e qualitativo dos equipamentos e estruturas de cada praça; população do entorno da praça – conscientização da população do entorno da praça na fiscalização e ajuda em sua manutenção.

NOTAS

ⁱ Lord Lovat que veio a convite de fazendeiros da região Norte do Paraná como potencial investidor, adquiriu propriedades neste local, fundando uma empresa para atuar no Brasil, a *Brazil Plantations Syndicate* e uma companhia subsidiária, a Companhia de Terras Norte do Paraná (CMNP, 1975) com o objetivo de subsidiar os compromissos econômicos da Inglaterra, pois estava a serviço dos Rotschild (JOFFILY, 1985).

¹ Praças com Monumentos: da Catedral, Deputado Renato Celidônio, Rocha Pombo, José Bonifácio, Sete de Setembro, Pio XII e Rotary Internacional. Praças com Busto: Raposo Tavares, Napoleão Moreira da Silva, Presidente Kennedy, Manoel Ribas, Lions e 21 de abril.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, REGINALDO MAGALHÃES DE. Novas espacialidades urbanas: shopping centers – simulacro dos espaços públicos. **E-XACTA** – Revista Científica do Departamento de Ciências Exatas e Tecnologia do Uni – BH, Minas Gerais, v.1, p. 03-15, 2008.

BENEVOLO, LEONARDO. **História da Cidade**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva. 2003.

BOVO, MARCOS CLAIR; AMORIM, MARGARETE CRISTIANE DE COSTA TRINDADE. **Análise e diagnóstico dos Parques Urbanos em Maringá/PR**. In: Simpósio Brasileiro de Geografia Aplicada – A Geografia Física Aplicada e as Dinâmicas de Apropriação da Natureza, 2009, Viçosa. Universidade Federal de Viçosa, 2009. p. 01-20.

DE ANGELIS, BRUNO LUIZ DOMINGOS. **A praça no contexto das cidades: o caso de Maringá – PR**. Tese [Doutorado]. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. 2000.

DOURADO, LILIAN APARECIDA CAMPOS; SILVA, EDIMA ARANHA SILVA. Espacialização e ordenamento das praças, espaços de recreação e lazer na estância turística Ilha Solteira – SP. **Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros**. Seção Três Lagoas. v. 2, n. 2, p. 67-86, 2005.

FIORE, RENATO HOLMER. O caráter histórico da praça da matriz em Porto Alegre: significados do lugar, permanência e mudança. **Arqtexto**, v. 9, p. 92-109, 2006.

GARCIA, JÚLIO CÉSAR. **Maringá Verde? O desafio ambiental da gestão das cidades**. Maringá: Eduem, 2006.

GOMES, MARCOS ANTÔNIO SILVESTRE. **De largo a jardim: Praças públicas no Brasil – Algumas aproximações**. Artigo resultante de parte da Dissertação de Mestrado: As praças de Ribeirão Preto – SP: uma contribuição geográfica ao planejamento e à gestão dos espaços públicos.

Uberlândia: UFU. 194p. Dissertação [Mestrado] Instituto de Geografia da Universidade Federal de Uberlândia, 2005.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estimativas populacionais para os municípios brasileiros em 01.07.2013.** 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2013/estimativa_dou.shtm>.

JOFFILY, José. *Londres-Londrina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985 – 19.

LAMAS, JOSÉ MANUEL RESSANO GARCIA. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e a Tecnologia/Dinalivro. 2004.

LORENZI, HARRI. **Árvores Brasileiras**: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas do Brasil. v. 1, 4. ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum de estudos da flora, 2002.

LUZ, FRANCE. **O Fenômeno urbano numa zona pioneira: Maringá**. Prefeitura Municipal de Maringá, Paraná. 1997, 217p.

OBSERVATÓRIO DAS METRÓPOLES. REGIÃO METROPOLITANA DE MARINGÁ. Disponível em: www.observatoriodasmetropoles.urfg.br/.../comoandaRMmaringa.pdf. Acesso em 09/12/2008.

ORTH, DORA MARIA; CUNHA, RITA DIONE. Praças e áreas de lazer como ambiente construído influenciando na qualidade de vida urbana. In: **ENTAC 2000**, Salvador, BA. 2000. v. 01, 474-480.

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE MARINGÁ. **Secretaria de Desenvolvimento Urbano, Planejamento e Habitação – Coordenadoria de Geoprocessamento**. Mapa da malha viária da cidade de Maringá. Junho/2008.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MARINGÁ. Histórico do Município. Disponível em: www.maringa.pr.gov.br/cidade/cidade. Acesso em: 20/10/2008.

REGO, RENATO LEÃO. O desenho urbano de Maringá e a ideia de cidade-jardim. **Acta Scientiarum**, v. 23, n. 6, p. 1569 – 1577, Maringá, 2001.

REMOLLI, JOSÉ ALCIDES. **Praças e qualidade espacial: plano piloto da cidade de Maringá, Paraná**. Dissertação de Mestrado. Área: Análise Regional e Ambiental, PGE/Departamento de Geografia/UEM. 2010. 144p.

RIBEIRO, HELENA; VARGAS, HELIANA COMIN. Qualidade ambiental urbana: ensaio de uma definição. In: *Novos instrumentos de gestão urbana*. São Paulo: EDUSP, 2001. p. 13-19.

ROBBA, FÁBIO; MACEDO, SÍLVIO SOARES. **Praças Brasileiras. Public Squares in Brazil**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003 (Coleção Quapa).

SANTOS, MILTON. **Espaço e Método**. São Paulo: Livraria Nobel, 1985.

SANTOS, LUÍS DELFIM; MARTINS, ISABEL. A qualidade de vida urbana. O caso da cidade do Porto. **Investigação – Trabalhos em curso**. n. 116, p. 1-24, 2002.

SEGAWA, HUGO. **Ao amor do público: Jardins no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel: FAPESP, 1996.

Data de submissão: 26.06.2013

Data de aceite: 26.03.2015

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.